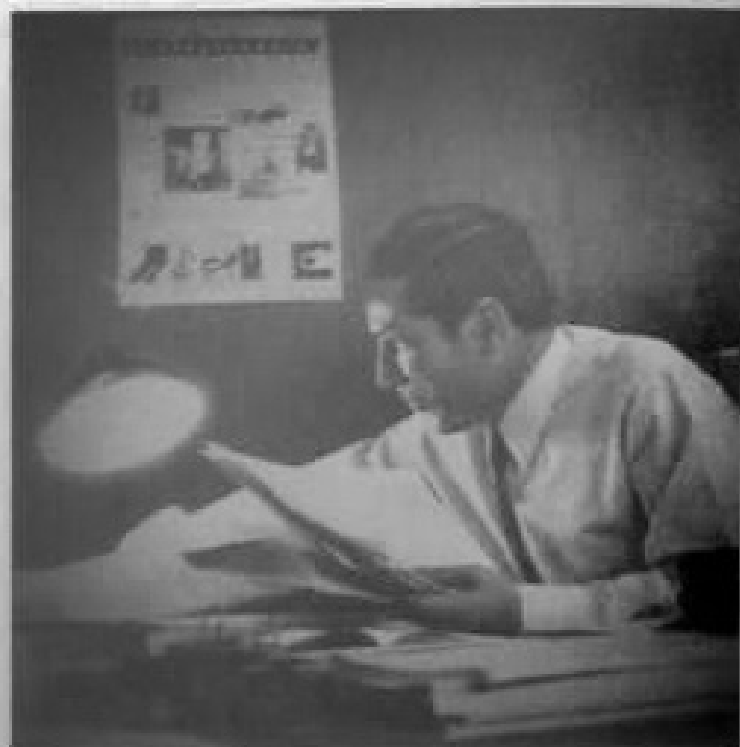


EVOCAR LUÍS AMARO

A. Cândido Franco
António José Queiroz
Francisca Bicho
Paulo Samuel [organização]



Evocar

LUÍS AMARO

Organização

A. Cândido Franco
António José Queiroz
Francisca Bicho
Paulo Samuel



cosmorama
edições

Evocar Luis Amaro

**Organização A. Cândido Franco,
António José Queiroz, Francisca Bicho
e Paulo Samuel**

**Cosmorama Edições
Rua Nossa Senhora da Paz 90
4470-804 Maia | Portugal
www.cosmorama.pt**

1.ª edição 2020

**ISBN 978-989-8029-77-5
Depósito legal 469016/20**

Impressão Papelmunde

**Edição com o apoio do Instituto de História Contemporânea | Ciência, Estudos de História,
Filosofia, Cultura Científica [IHC-CEHFCI], da Universidade de Évora, e da Fundação para
a Ciência e a Tecnologia [FCT].**

ÍNDICE

Nota introdutória | António Cândido Franco 7

TESTEMUNHOS

António Cândido Franco	
Sobre Luís Amaro	11
António José Queiroz	
História breve de uma bela amizade	13
António Salvado	
Luís Amaro – presente, sempre	21
Daniel Pires	
Luís Amaro, um Homem Plural	23
Ernesto Rodrigues	
Sobre um velho e querido Amigo	27
Fernando J. B. Martinho	
Cartão inédito de Luís Amaro	33
Fernando Guimarães	
Como se fosse um destino	37
Francisca Bicho	
Uma certa forma de falar sobre Luís Amaro	41
Isabel Cristina Mateus	
Palavras breves sobre Luís Amaro	45
José Rui Teixeira	
Aos ombros do Luís Amaro	47
Júlio Conrado	
Luís Amaro e a arte de dedicar	55
Manuel Silva Terra	
Testemunho	59
Maria Dulce P. Amaro	
Memórias familiares de Francisco Luís Amaro	61
Maria Lúcia Dal Farra	
Carta a Luís Amaro	65

Maria Paula Santos	
Luís Amaro, a Biblioteca Municipal de Beja e o Alentejo	71
Paulo Samuel	
... Luís Amaro, simplesmente	73
Ramiro Teixeira	
Luís Amaro - um poeta bissexto	91
Rui Sousa	
Luís Amaro. A viagem das Palavras	103
Sofia Santos	
Uma luz divina furtada aos mortais	109

ARQUIVO

António Ramos Rosa	
Para Luís Amaro	115
Eugénio Lisboa	
Luís Amaro (1923-2018)	117
Francisco P. Colaço	
Recordando Luís Amaro	121
Gastão Cruz	
Luís Amaro	131
Paulo Barriga	
Aniversário	133

MEMÓRIA

Notas dum Caderno Renovação de Temas	143
Notas dum Caderno Ilusões	147
Cartas inéditas de José Régio para Óscar Lopes	149

Sobre Luís Amaro

Foi o verso que interpelou Luís Amaro como criador. A prosa só para trabalhos de bibliografia e crítica o interessou. Abriu apenas uma exceção para a epistolografia privada, onde derramou por vezes um confessionalismo autobiográfico de grande sinceridade e violência que transforma uma parte da sua epistolografia num documento humano de invulgar valor, todo ainda por conhecer. Quando começarem a surgir os seus conjuntos epistolares, estaremos em condições de perceber que ele, Luís Amaro, é com certeza um dos mais importantes autores de cartas do século xx português.

Ao seu complexo temperamento, que casava um sonho elegíaco a uma exaltação nervosa que podia atingir o paroxismo, conveio o verso lírico. Praticou uma lírica secreta e idílica, escrita num verso curto, musical, muito seu, que não se prestava a qualquer boleio narrativo nem a qualquer malabarismo vanguardista e que cultivou como um jardim exótico de flores raríssimas. Daí ser o autor bissexto dum único livro, que teve primeira edição em 1949, *Dádiva*, e reedições sucessivas (1975; 2006; 2011), com o nome alterado para *Diário Íntimo* – título justíssimo, que diz bem a forma vital como o autor metabolizou a poesia. E daí a ligação e a camaradagem com um grupo de poetas da sua geração com quem fundou uma das emblemáticas revistas da poesia portuguesa do século xx, *Árvore* [1951-1953].

Vítima dum destino que o desclassificou em criança, magoado e revoltado com as injustiças que sofreu e viu sofrer, sempre inquieto e às voltas com um nó interior que ele dizia o seu «grande drama», tão inusitado em homem sempre disponível para as mais generosas «dádivas», só a poesia, tal como ele a praticou num verso magnético, mas cheio de sortilégio, que descendia da sugestão de Pessanha, da pessoana canção da «pobre ceifeira» e da nota escuramente elegiaca de Pascoaes, lhe permitiu coar os grandes símbolos que traduziam a dor da sua requintada e ferida sensibilidade, ao mesmo tempo que lhe sublimavam numa música delicada e superior.

Recusando-se ao impulso narrativo, mostrando-se fria a qualquer estímulo cerebral, desconhecendo a prática do automatismo, mas não o poder catártico da imagem que lhe cifra a vida interior, esta experiência poética realizou por meio da individuação de símiles gerais uma transubstanciação da emoção vivida. Mais do que um erudito, que se consagrou a trabalhos de bibliografia e de edição, muitos deles de altíssimo mérito, Luís Amaro é um poeta um alquimista do verso que soube exaltar o seu sonho e sublimar a sua dor, essa que com tanta violência e sinceridade expôs em certas cartas pessoais que urge conhecer.

[Junho de 2019]